

OSMAN BANCÁRIO



“O INTERIOR DE UM BANCÁRIO SE PARECE AO INTERIOR DO MARTINELLI: EMBOLORADO, SEM SOL E EM RUÍNAS”

*"INSIDE A BANK OFFICER IS LIKE
INSIDE THE MARTINELLI: MOLDY, WITHOUT SUN AND IN RUINS "*

Francismar Ramírez Barreto¹⁰⁶

Resumo: Fundamentada principalmente nas trocas entre Osman Lins e o Banco do Brasil (cuja relação pode atestar-se, de forma parcial, nos documentos que repousam no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa), a reflexão que toma corpo nestas linhas tenta traçar um perfil até agora desdenhado: os anos do escritor pernambucano como funcionário público. Respostas para a instituição financeira, a participação em uma reunião de reivindicações trabalhistas, relatos sobre o seu progresso profissional para a avó e a mãe, reflexos de tais experiências em livros ficcionais e não ficcionais. Os 27 anos de Lins nesta instituição - ainda passíveis de serem aprofundados - precisavam sair das sombras.

Palavras-chave: Osman Lins, Correspondência pessoal, Banco do Brasil, Literatura brasileira, Burocracia

Abstract: *Based mainly on the exchanges between Osman Lins and Banco do Brasil (whose relationship can be partially attested to in the documents that rest in the Brazilian Literature Museum Archive of the Casa de Rui Barbosa Foundation), the reflection that takes shape in these sentences tries to draw a profile that has been disdained until now: the Pernambuco writer's years as a public servant. Answers to the financial institution, participation in a labor claims meeting, reports about their professional progress to their grandmother and mother, reflections of such experiences in fictional and non-fiction books. Lins's 27 years in this institution - still subject to deepening - needed to come out of the shadows.*

Keywords: *Osman Lins, Personal correspondence, Banco do Brasil, Brazilian literature, Bureaucracy*

A vida profissional do escritor pernambucano Osman Lins, como a de tantos brasileiros em procura de estabilidade, começa a revestir-se de densidade em uma das instituições financeiras de maior renome do país: o Banco do Brasil. Antes, com a ideia

¹⁰⁶ Pós-doutoranda pela Universidade de Brasília, Doutora em Literatura e Práticas Sociais, e pesquisadora do Grupo de Estudos Osmanianos (UnB). E-mail: raminier3@gmail.com.

de acumular alguma experiência, passa um curto período no Ginásio do Recife (posteriormente Colégio Padre Félix), onde o tio Álvaro da Costa Lins oferece-lhe emprego diurno como “escriturário na secretaria da escola”¹⁰⁷. Esta informação será de grande importância no futuro, pois será levada em conta para o tempo da aposentadoria. Tal como indica o autor em uma comunicação destinada à entidade financeira (de outubro de 1970), a sua relação com a instituição inicia-se no 18 de março de 1943¹⁰⁸. Essa a data de admissão. Em confidência escrita a Mãe Noca, em janeiro de 1944¹⁰⁹, Lins menciona o curso de Contador. Na década de 1980, Regina Igel estabelece em seu projeto biográfico informações mais precisas sobre esta experiência profissional. Matrícula: na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Recife. Curso: Finanças.

Daqui em diante e apesar de intervalos que futuramente podem ser preenchidos, faremos o exercício de seguir alguns dos rastros que Lins deixa em cartas, por vezes em algum livro de propósito não ficcional, para entender a sua relação com a instituição em que trabalhou por 27 anos. A segunda epígrafe que o autor coloca em *Guerra sem testemunhas*, extraída de *Situações II* de Jean-Paul Sartre, dá uma ideia do que para o autor deve ter representado o próprio processo de emancipação: “(...) começa para um homem a angústia, e o abandono e os suores de sangue, quando não pode mais ter outra testemunha senão ele próprio; é então que traga até às fezes o cálice, (...) prova integralmente sua condição de homem”.

Em maio de 1945, Osman Lins conta para a avó, que tem trabalhado muito: “Só a ROSS enviou nestes últimos dias perto de mil títulos¹¹⁰. Sem falar em outras firmas. De maneira que, desde a entrada até a saída, não paro de trabalhar”. Em julho do mesmo ano, sobre uma folha com cabeçalho do Banco do Brasil S. A. (com caligrafia impressa em itálico e com o rótulo mínimo de “telegramas Satellite”), o neto noticia a avó não estar

¹⁰⁷ Regina Igel, *Osman Lins. Uma biografia literária*, 1988, p. 33.

¹⁰⁸ Carta ao Banco do Brasil, 07.10.1970, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

¹⁰⁹ Carta a sua avó paterna, 14.01.1944, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

¹¹⁰ Carta a sua avó paterna, 22.05.1945, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

mais na Seção de Cobranças: “Passei a trabalhar agora em CEXIM, isto é: Carteira de Exportação e Importação. Trabalha-se mais calmamente que na cobrança”¹¹¹.

Turbulenta no sistema político brasileiro [com *momentos democráticos*, como as últimas eleições em sufrágio direto antes da ruptura de abril de 1964, e *momentos autoritários* como o golpe militar e os diversos *atos institucionais*], a década de 1960 foi um período movimentado para o escritor de *Avalovara*. Em um documento assinado por Vicente de Oliveira, então Gerente Adjunto do Banco do Brasil, Lins recebe indicação para uma nova responsabilidade: a de Gerente de Agência de 2ª Classe. Desempenhava-se, antes, como Escriturário da Letra “I” no Gabinete da Gerência, entre abril de 1962 e março de 1963. O surpreendente desta mistura de ficha com recomendação (esse o teor do documento, que não apresenta encabeçado datado) é a descrição que o superior faz do funcionário:

Louváveis são os conhecimentos gerais que possui sobre todos os serviços do Banco, e os tem revelado, no setor de correspondência deste Gabinete ao instruir, perante a Sede, as propostas de operações oriundas de nossa clientela. Disciplinado, possuidor de invulgar espírito de organização, de competência comprovada no profícuo labor em várias Carteiras, desta e da Agência em Recife, é senhor de agudo senso de observação, revelando-se valioso colaborador na solução de assuntos complexos e relevantes (Documento s/d, pasta Banco do Brasil, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

Em 1967, neste particular quebra-cabeças, emerge outro documento curioso. No dia 12 de setembro, Lins destina uma comunicação a um Gerente Adjunto Administrativo da Agência Centro de São Paulo. O texto tem formato de cartamemorandum. Em uma longa exposição de dez pontos, argumentados com detalhe, o autor manifesta desagrado a respeito da forma como os superiores se comunicam com os convocados, fazendo referência à 4ª Reunião de Funcionários, de 29 de agosto de 1967. Tudo indica que nessa assembleia, Lins teve uma intervenção que gerou uma interpelação escrita à qual ele replica (também por escrito). Apesar de não entrar neste momento nas singularidades do conteúdo total, vale a pena deter-se em alguns aspectos das primeiras

¹¹¹ Carta a sua avó paterna, 10.07.1945, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

linhas. A resposta inicia-se com frase sublinhada e em maiúsculo. Não chega a ser um título (não graficamente), mas pode ser interpretado como tal: “APROXIMAÇÃO DO FUNCIONALISMO AOS ADMINISTRADORES”¹¹². A folha não tem cabeçalho. No texto, Lins prossegue com uma formalidade, uma reivindicação linguística e, por fim, uma recomendação na hora de escolher as palavras certas:

Acusando o recebimento de sua Nota 02-GERAD-67/1671, de 8 do corrente, tenciono deixar claro, antes de tudo – embora os termos da ata em que se registra a 4ª Reunião dos Funcionários lotados em Gabinete da Filial (...), atribuindo-me vocabulário que, em regra, não utilizo, apenas tangenciem meu pensamento –, que certo excesso de severidade, observável, segundo mencionei, na linguagem, em que foram vasadas (sic) algumas das últimas instruções da Agência, manifesta-se antes no tom geral da redação. As expressões isoladas, ocasionalmente inseridas no texto, constituem, no caso, uma sobrecarga estilística (Documento de 12.09.1967, pasta Banco do Brasil, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

Lido com atenção, este documento administrativo torna evidente a destreza desenvolvida por Lins no uso da “terminologia bancária”. Ainda diante da tensão que reveste o episódio (trata-se afinal da manifestação de uma desavença. Ou de pelo menos dez), a intenção secundária do remetente parece ser salientar quão bem conhece os caminhos daquele ofício em termos de linguagem, precisões, reivindicações e, depois de tudo, da humanidade que (a seus olhos) precisava voltar (já em 1967) às relações entre Administração e *quadro de funcionários*. O que por um lado pode despertar o riso (a quantidade subsequente de recomendações lexicais), por outro é uma espessa crítica à forma como se comunicam as pessoas (hierarquia mediante) dentro de uma instituição. Um sentimento de injustiça, indignação quiçá, transparece na fibra verbal do escritor pernambucano.

De São Paulo, em agosto de 1968, Lins escreve para a mãe (Laura, irmã de seu pai). Conta que o Banco concedeu financiamento para a compra de um imóvel. Mais adiante, em cartas posteriores, confirma os dois fatos: o crédito e a aquisição de seu primeiro lar (o da Rua Pamplona): “Terei assim moradia própria em São Paulo, afastando

¹¹² Carta ao Banco do Brasil, 12.09.1967, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

o receio que tinha de me ver com problemas daqui a alguns anos, pois os aluguéis se tornam cada vez mais caros, mais altos, enquanto o nosso ordenado se apresenta cada vez mais minguido”¹¹³, reitera no reporte familiar de 1968.

Um ano depois fala pela primeira vez, para a mãe, sobre a ideia do afastamento do banco. Em carta de 22 de abril conta que seu processo, com vistas à contagem de tempo de serviço, para fins de aposentadoria, foi encaminhado para o Recife. Para tal fim (no que consta na nota familiar) seriam convocadas algumas testemunhas: “Vamos ver se tudo dá certo. Se der, em fins do ano que vem caio fora, depois de cumprir minha sentença. Pois considero uma espécie de sentença os anos que tenho passado aqui. O crime? A pobreza, coisa que a organização social não perdoa”¹¹⁴.

Guerra sem testemunhas, publicado em 1969 em São Paulo, contém uma das declarações mais diáfanas sobre o que foi, para Osman Lins, a passagem pela carteira de um escriturário. Organizado em *uma nota preliminar e dez capítulos*, este livro tem uma particularidade: apela (quando assim o requer a situação) a procedimentos ficcionais (como a incorporação de Willy Mompou, personagem tomada de empréstimo de Deolindo Tavares) para falar de assuntos nada ficcionais. Cada capítulo apresenta um pequeno sumário embaixo de um título centralizado. São ideias, separadas por pontos, que funcionam como guia interno dentro do capítulo. É bem possível que o recurso advinha da experiência com a escrita teatral. Não chega a ser um índice, mas faz as vezes, e é importante neste momento porque o “título” que recebe o trecho em que o narrador se refere à experiência como funcionário público (dentro do segmento intitulado “O escritor”) é “O sargento manco: breve confidência”. A citação é extensa, mas necessária para compreender o que se passa pela mente de Lins naquele momento e pela remissão imediata a um dos personagens da última obra publicada do autor:

Enveredou, justamente, pela burocracia, sacrificando desde cedo nesse emprego estável 40% das horas disponíveis, se excluídas as indispensáveis ao sono. (...) Jamais conseguiu ajustar-se ao trabalho,

¹¹³ Carta para a mãe, 15.08.1968, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

¹¹⁴ Carta para a mãe, 22.04.1969, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

tão árido quanto uma salina, mas que oferece um saldo de horas livres e pouco exige da mente quando, como ele, negamo-nos a progredir. A vida está cheia de transações dessa espécie. Preserva-se o braço decependo a mão. Assim, embora não resignado (pensa nos milhões de homens para quem o tempo é vasto, a comida pouca, a morada exígua, a esperança parca, o presente agro, o futuro nenhum), pode considerar-se, não obstante a experiência que o induziu à opção, um filho da fortuna, um manco venturoso, como o sargento que se dizia protegido dos deuses por ter perdido em combate um braço e um olho, enquanto a maioria de seus companheiros tinha perdido a vida, e seu comandante a honra e as dragonas. (...) Dedicava, assim, boa parte de todo dia *útil* em tarefas para si inúteis. Em vinte anos, segundo calcula, passou lidando com fichas, memorandos, arquivos de madeira, cifras indicativas de fortunas alheias e quase sempre iníquas, máquinas de calcular, formulários, carimbos e protocolos borrados, 28.800 horas, não computando fins de semana e épocas de férias. Atribuindo-se ao dia dezesseis horas, descontadas por tanto as oito de repouso, passou exatamente, em vinte anos, sessenta meses encerrado num Banco, sessenta meses em que não escreveu, não aprendeu, não pôde locomover-se, nada colheu do que o mundo oferece, não viveu (LINS, 1974, pp. 28-29).

Os detalhes do processo de desligamento do banco (apesar das mudanças que estão em processo para este momento) fazem pensar em Maria de França. Vejamos o que se reflete nas cartas de Lins a partir de 1969 - do exato momento em que o processo é encaminhado para o Recife. Em julho desse ano, Lins surpreende à mãe (de punho e letra) com a boa notícia de ser o novo encarregado da Biblioteca da Agência (especializada em livros de Direito): “Parece que agora me reconciliarei, em parte, com o Banco”. No último dia do mês, comenta com Laura a grande vantagem da nova posição: “Acabou-se, aqui, a velha incompatibilidade entre o meu espírito e os serviços que me via obrigado a fazer. (...) fico sozinho horas inteiras na sala, com as portas fechadas, no mais tranquilo dos silêncios. (...) A situação com que sempre sonhei”. Detalhe importante, inexplorado até o momento: tanto Hermilo Borba Filho como Lauro de Oliveira (amigos de Lins)

trabalharam como bancários: o primeiro no Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e o segundo no Banco do Brasil e no Banco Central¹¹⁵.

Para assumir o contrato como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Lins solicita uma licença. A ideia, nesse tempo, era formalizar o relativo ao “regime de tempo integral” na Faculdade (embora, de início, ele não assumisse esse regime). Acredita Osman, em julho de 1970, atravessar os últimos dias na Agência Centro de São Paulo, mas será em setembro que o anelo se materializará. A permissão que solicita recebe o nome de *licença-interesse*. O plano, após breve afastamento, era pedir férias, voltar uns dias em setembro de 1970 e solicitar a aposentadoria em fevereiro. A aversão ao que lhe é essencialmente antinatural se intensifica, e a mãe é testemunha na distância: “Não dizem que com tudo a gente se acostuma? Pois nunca me acostumei a trabalhar no Banco, nunca me acostumei com o Banco, com os serviços do Banco nem com nada que se relacione com o Banco. Detesto o Banco com todas as forças. Portanto, pode começar a alegrar-se, pois seu filho está próximo de abrir as portas desta penitenciária e ver-se livre do castigo”¹¹⁶.

Em uma entrevista intitulada “O abençoado dinheiro da literatura”, de citação quase impossível (em vista de não ter nem autor, nem data, nem referência do impresso em que deve ter sido publicada), a pessoa que indaga faz ao autor perguntas relativas a sua experiência como bancário. Essa referência vem à tona neste momento porque possivelmente seja um dos poucos documentos em que Lins pondera a maior “bondade” de sua passagem pelo funcionalismo público: “Sentir na carne o mundo do trabalho: a relação empregado-empregador”¹¹⁷. Não deixa de reconhecer o caráter limitador, e amargurado, do trabalho. Admite quão dispensável resulta o mundo da *criação* no da *produção*. Conta que pensou em ser jornalista e também por que desistiu da ideia: “Tive medo (...) de me deixar arrastar, e acabar cansando o que eu tinha de mais importante: a

¹¹⁵ A referência ao trabalho de Lauro de Oliveira aparece em uma carta que Osman Lins escreve para Hermilo Borba Filho (23.01.74). FCRB-RJ, 2018.

¹¹⁶ Carta de Osman Lins a Laura, de 06.07.1970. FCRB-RJ, 2018.

¹¹⁷ Cópia no arquivo pessoal da Profa. Dra. Elizabeth Hazin.

mente. Era a única coisa que precisava resguardar. Foi por causa da literatura que aguentei tanto tempo”¹¹⁸.

Retomando a linha cronológica que dá estrutura a este perfil profissional, Lins formaliza em outubro de 1970 o pedido de licença-interesse por 90 dias, a partir de 03 de novembro (antecipando o afastamento definitivo): “(...) invoco ainda a circunstância de ter sido homologada recentemente no INPS uma Justificação Administrativa em meu favor, com o que foi acrescentado ao meu tempo de serviço o período de dois anos, um mês e quinze dias, correspondentes à fase em que trabalhei, antes de aqui ingressar, num estabelecimento de ensino, no Recife”¹¹⁹. Refere-se Lins à passagem pelo Colégio Padre Félix. Novo tempo, nova década, dívida antiga: em fevereiro de 1971 expiraria a licença de três meses. Um dia depois desse pedido, porém, em 08 de outubro de 1970, Osman Lins recebe o parecer (rubricado e carimbado) da Gerência Adjunta Administrativa: “Tendo em vista o compromisso assumido pelo requerente no item 4 de seu pedido, opinamos favoravelmente à pretensão do funcionário”¹²⁰.

A partir de 3 de novembro de 1970 licencia-se sem vencimentos (e é chamado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília por tempo integral). O primeiro dia de fevereiro de 1971 se apresenta na Agência para dar andamento à papelada da aposentadoria, com a expectativa de obter uma solução em 30 ou 40 dias. Só em março receberá a notícia da aposentadoria (formalizada no dia 16). Só então solicitará o desligamento: “É certo que desde o ano passado estou praticamente fora do Banco. Mas ainda restam laços. Não posso ainda dizer: ‘Adeus, banquinho’. Mas agora parece que chegou esse esperado momento. Puxa, como custou!”¹²¹, escreve para a mãe, no aguardo (ainda para o 25 de março) dos cálculos exatos sobre quanto perceberia.

Nesta altura da pesquisa é difícil saber se o Banco enviou poucas comunicações a Lins ou se foram poucas as que ele arquivou. Mas existe uma, do último

¹¹⁸ Cópia no arquivo pessoal da Profa. Dra. Elizabeth Hazin.

¹¹⁹ Carta de Osman Lins à Gerência Administrativa do Banco do Brasil, de 07.10.1970. FCRB-RJ, 2018.

¹²⁰ O Parecer da Gerência administrativa aparece no verso da carta que Osman dirige a esta instância em 07.10.1970. FCRB-RJ, 2018.

¹²¹ Carta de Osman Lins a Laura, de 18.03.1971. FCRB-RJ, 2018.

dia de março de 1971, dirigida ao Excelentíssimo Senhor Osman da Costa Lins que começa com “prezado colega” e refere o efeito dessa aposentadoria na instituição:

Seu afastamento definitivo dos serviços desta Filial, para usufruir de justa e merecida aposentadoria, deixa uma grande lacuna, tanto para o Banco, quanto para os colegas, seus amigos, que desfrutaram de agradável convívio com sua presença, sempre marcante, nas seções onde serviu (Carta do Banco do Brasil, de 31.03.1971, pasta Banco do Brasil, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

Ainda que o documento tenha outros parágrafos, breves, a ideia mostrada neste ecoa em outros. De grande interesse resulta uma rasura que Lins coloca acima, à direita, com esta frase: “Guardar como exemplo de formalismo e de ridículo (e um pouco, também, de *nonsense*)”. Com a calma de quem encerrou um capítulo complicado da própria vida, Lins conta para a mãe (em abril de 1971) que, finalmente, se despediu dos colegas miúdos, “mas não dos chefes. Que se danem”¹²².

Será na conhecida entrevista concedida à revista *Status* N° 8 que Lins chamará seu antigo local de trabalho de “estrovenga”¹²³. Dificilmente se segurará o riso, mas a palavra não é o mais interessante daquela resposta. Em março de 1975, Osman Lins mostra ter estado sempre disposto a aprender tudo quanto fosse possível sobre os segredos da arte de escrever. Emerge ali também a ideia (familiar e bem-intencionada) de que o Banco fosse o emprego da vida do escritor. Afirmar ser quase impossível não fazer carreira nessa instituição, mas sente-se praticamente um herói por ter conseguido a façanha. Aponta a hostilidade da organização e, depois de refletir, observa que é apenas uma amostra de seu país. Isso tudo para reconhecer nunca ter encontrado (nem ali, nem na vida universitária) ambiente propício ao escritor. No meio daquela crítica, fecha ainda o pensamento uma dose de tristeza e ternura, com a referência ao *western*: “Só aos poucos

¹²² Carta de Osman Lins a Laura, de 17.04.1971. FCRB-RJ, 2018.

¹²³ LINS, Osman. *Evangelho na taba*. São Paulo: Summus Editorial, 1979, “Os muitos duelos deste cavaleiro”, p. 190: “Quando, afinal, a decisão tomou forma, eu já trabalhava numa estrovenga chamada Banco do Brasil”.

vai o escritor percebendo que aquele xerife de certos filmes do Oeste, que vê os possíveis aliados desguiarem um a um e afinal chega à conclusão nada cômoda de que terá de enfrentar sozinho Bill Wicked e seu bando, se parece um pouco com ele” (LINS, 1979, p. 190).

O caminho percorrido para dar vida a estas linhas foi longo. Um salto-atrás, até 1970, será necessário para encerrar a reflexão. O documento mais expressivo sobre a situação de Osman Lins no trabalho como escriturário foi feito no 11 de setembro desse ano: “Ontem, 10.09.70, foi um dia importante para mim. Creio ter sido a última vez em que ‘assinei ponto’ no Banco do Brasil. (...) segundo tudo indica, não mais ocuparei aquelas carteiras para trabalhar”. Com a palavra REGISTRO como título (toda em maiúsculo), a descrição foi feita para si. Osman precisava fixar no papel, com a máquina de escrever, o que observou e sentiu aquele dia: “Cheguei um pouco atrasado, como sempre. O ‘ponto’ estava fechado na gaveta de meu atual chefe”.

Passou pela Biblioteca, examinou as gavetas por última vez, nada encontrou nelas, deu uns telefonemas, coincidiu com o chefe no corredor e aproveitou para assinar o ponto:

Comecei a dar voltas no ar com a caneta, desde o meio da sala, chamando a atenção dos colegas. Perguntei-lhes se não desejavam assistir um homem assinar o ponto pela última vez. Quase todos, rindo, levantaram-se e cercaram-me enquanto eu assinava. Em vez de assinar Osman Lins, como sempre faço, assinei Osman da Costa Fim. Fim, em lugar de Lins. Todos bateram palmas e abraçaram-me¹²⁴.

A história não termina ali. No que se refere a tema tão desamparado e em aparência tão seco, o reporte desse dia tem tudo para ser o *documento de estimacão* de um pesquisador. Lins abandona a Agência, entra e vai de novo para a rua. Da segunda vez, após perceber a chuva, desloca-se até um dos prédios referenciais de *Avalovara*. Apesar de incomum, que sejam as palavras do próprio autor (à luz deste tempo) as que encerrem esta história. Tão sintomática. Tão humana. Tão brasileira:

¹²⁴ Texto de Osman Lins, de 11.09.1971, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

Perambulei pelo edifício Martinelli, por causa do romance que estou escrevendo e do qual uma parte se passa ali. Vi e observei de perto a decadência do prédio e não pude deixar de pensar que o interior de um bancário se parece um pouco ao interior do Martinelli: embolorado, sem sol e em ruínas¹²⁵.

(...) Ganhei a rua, dei uma olhada de baixo para o edifício do B. B., símbolo de uma organização potente e gigantesca – que, em mais de 27 anos, não conseguira absorver-me ou esmagar-me entre seus dentes –, desci a rua, apanhei um táxi e fui embora. Perto de casa, saltei, entrei numa mercearia e comprei uma garrafinha de vinho para tomá-la no jantar, à noite, com J., comemorando o fim da minha servidão.

REFERÊNCIAS

IGEL, Regina, *Osman Lins. Uma biografia literária*, 1988.

HAZIN, Elizabeth. Arquivo da pesquisadora. Imagens cedidas em 2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA - Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Correspondência Pessoal do Arquivo de Osman Lins. Rio de Janeiro. Consulta feita em: 25.05.2018

LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas*. São Paulo: Ática, 1974.

_____. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, São Paulo: Melhoramentos, 1976.

_____. *Evangelho na taba*. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

¹²⁵ Texto de Osman Lins, de 11.09.1971, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.